

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 80

SEXTA-FEIRA 4 DE ABRIL DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

A politica está por tal forma enredada que é summamente difficil ajuizar o seu desenlace. A repetição dos ultimos acontecimentos ha de levar necessariamente á deserença os homens de intenções sinceras, e o governo cercado então de fazedores mercenarios de politica hade experimentar as ultimas difficuldades.

Temos tanto a fazer, são tantos os melhoramentos de que carecemos, que, para apanharmos as outras nações, que nos tomaram a vanguarda no caminho do progresso, era necessario andarmos com um movimento acelerado — com o impulso que temos, quedamos, se é que não retrogradamos.

As nossas cousas publicas reclamam uma união fraternal, uma fusão de vontades, um mutuo auxilio em promover o bem publico, e a experiencia tem mostrado quanto nos tem damnificado as dissensões politicas, que nos tem custado sangue inutilmente vertido, meios pecuniarios e tempo.

Longe de vermos diminuir as parcialidades politicas, vemol-as em troco multiplicarem-se e demarcarem-se sem outra razão, que não seja a ambição frenetica de governar; e é esta ambição, tanto dos governos como das opposições, que fomenta todos os males, que nos atormentam.

Organisa-se um ministerio, e desde logo os individuos, que o compõem, adherem por tal forma ás pastas, que gastam os seus principaes cuidados em assegurar a existencia, desprezando as necessidades da patria, que tem de dirigir.

Promove-se uma maioria numerosa attrahindo os representantes do povo á custa da satisfação de exigencias muitas vezes pouco ou nada razoaveis e admissiveis. Se os deputados resistem ás promessas e obsequios dos ministros, estes caçam-lhes os seus diplomas, e põem em movimento activo e prolongado os numerosos empregados, afim de que os seus amigos sejam chamados a S. Bento para, cofno taes, lhes avaliares os actos. Por outro lado os empregados administrativos, vendo na sua popularidade a garantia da sua continuação, não pensam senão em promover-a, deixando para isso o cumprimento dos primeiros deveres.

E' assim que o tempo corre inutilmente, e os governos não toinam a devida iniciativa nas reformas urgentes; pouco é elle para tratar de conservar a sua vida publica, que elles julgam indispensavel para a salvação da patria!!

Em quanto que os governos assim se desviam do verdadeiro caminho, não são menos dignos de censura as opposições.

A experiencia tem mostrado que as opposições são de ambição e conveniencias, e não de razão e principios, como deviam ser.

Ha entre nós um grande numero de necessidades, cuja satisfação é reclamada por todos — fazem ellas parte do programma de todos os governos. E' por isso que vemos sempre um novo

ministerio declarar que vae seguir as ideias do seu antecessor, e effectivamente assim o cumpre, com pequena differença nos meios, e com maior ou menor actividade.

As questões mais vitaes para o paiz, ou não são chamadas á discussão parlamentar, ou, se o são, prendem pouco a attenção da camara. Trata-se do orçamento, discute-se de corrida sem se estudarem bem as economias que se precisam fazer. Avalia-se um acto do governo, que já passou, e se não pode remediar, e é então que se desenvolve grande actividade na camara; prolonga-se a discussão dias e dias, perde-se tempo e tempo para no fim decidir se o governo é digno de loutor ou censura!!

Ainda vemos muito mais do que isto. Vemos homens renegar principios, que sustentaram com as armas e a penna. Vemos inimigos fidegades de hontem, hoje amigos cordeacs, sem se torem ainda illibado. Vimos guerrear n'um dia ideias, e sustental-as no outro, e isto só porque uma vez foram apresentadas por amigos, e outra por inimigos. Vemos em fim guerrear um ministerio directamente pelas pessoas que o compõem, visto não ter ainda actos por onde se possa julgar.

Este estado de cousas não pode durar muito. E' preciso que o governo ganhe o favor da opinião publica e a confiança da corôa. Isto ha de obtel-o tomando uma iniciativa rasgada nas reformas urgentes, e não trabalhando para chamar a si os dissidentes.

Reconstruiu-se o ministerio com membros da maioria, tinha portanto ella obrigação de bem o receber e apoiar. Não aconteceu assim, e formouse a facção dos dissidentes como para mostrar ao paiz, que entre os membros da opposição haviam outros mais dignos e mais aptos. Seria assim — não sabemos; — o que porem sabemos é que este não era o modo porque o deviam provar. Esperassem os actos do governo e mostrassem em discursos atilados a sua superioridade. D'outro modo os dissidentes serão julgados *trambolhos affeiçoados* para fazer tropeçar e cair o governo, e nada mais.

Cuide portanto o governo em apresentar reformas importantes, e em promover os melhoramentos precisos com actividade, que assim grangeará a estima do paiz e do poder moderador, que lhe ha de remover a opposição quando ella for injusta e filha da ambição. Assim porá um dique a esta torrente de immoralidades e prestará o maior serviço ao paiz.

UM GRANDE ESCANDALO.

A comarca d'Anadia acaba de receber mais uma prova da maneira, porque n'este paiz se tractam os negocios publicos. Quem tiver probidade deve fugir d'esta terra inhospita.

O facto é o seguinte: O juiz de direito Aguiar pediu em setembro de 1861 a sua aposentação, achando-se

taleza em grande falta delles. E aqui toma Diogo de Couto, debaixo dos bicos da penna, os officias descuidados, que, sob capa de accrescentarem a fazenda de el-rei, deixavam desprezadas as fortalezas, expostas a renderem-se á falta de munições e viveres. E com tanta furia dos espicaça, que bem mostra o não ter esquecido mester de soldado, que na India exercitou antes do de guarda-mor da Torre do Tombo de Goa, e chronista d'aquelle estado.

Entrou o rei de Viantana Ilher, em poucos dias de peleja, com que fi aram os inimigos senhoreando as povoações aventadas em torno da cidade, e os de dentro empenhados agora somente na defeza desta. Ganhavam ao meos em concentração de forças o que perdiam em extensão de territorio.

Assentava o inimigo a artilheria, começando a bater a fortaleza e a dar-lhe repetidos assaltos, quando chegou á vista da praça a caravela em que vinha o nosso heroe. Tinha por obrigação do seu regimento de tocar em Malaca, e navegaria d'ali a Ternate, onde esperava apanhar a sede da gloria que o devorava. Não era então necessario ir buscar tão longe aquelle licor, que tanta vez bebemos, ai de nós, na taça da morte.

Apenas a caravela foi avistada do arrial dos sitiantes, sahiu-lhe logo ao encontro o Laximena com cincoenta lancharas (1) e firmes tenções de a render e apresar. Não estava porem

do-se impedido por molestia de continuar a exercer as funções de julgador; — passou por isso a exercel-as o bacharel José Lino Ferreira, — caracter honesto e probo, — geralmente estimado dos seus visinhos — e nomeado 1.º substituto para aquelle anno. Chegada a epocha de fazer nova proposta para o anno de 1862 teve melindre de se propôr a si, e lembrou por isso para 1.º substituto o bacharel Antonio Lebre de Sousa Vasconcellos, d'Aguiar, e não se incluiu na proposta.

Foram em janeiro nomeados os substitutos para todas as comarcas do districto da Relação do Porto, — menos para a d'Anadia. Causou isso extraneza, porque era um facto pouco commum, mas passado algum tempo appareceram as nomeações d'aquella comarca, sendo excluido o dito bacharel Antonio Lebre, e posto em 4.º lugar o bacharel José Lino Ferreira.

Como explicar tão extranho acontecimento? Porque foi excluido Antonio Lebre? Por que posto em 4.º lugar o bacharel José Lino, que até agora desempenhára dignamente as funções de juiz?

Não é possível acertar com uma explicação racional. Os arautos, porem, do conselheiro Antonio Luiz de Seabra encarregaram-se de dar a explicação, que é a seguinte: Antonio Lebre é caracter independente, — homem de bastantes conhecimentos juridicos, mas não pertence ao corrilho d'aquelle grande homem. Basta isso para se lhe fazer guerra; — arranjou-se alguém para allegar meia duzia de parvoices; — mandou-se sobre ellas tomar informação, e depois exclue-se o homem, apezar, provavelmente, d'aquellas informações abonarem o caracter do individuo.

O bacharel José Lino não ia na proposta; — não tinha por isso que se escandalisar, se fosse esquecido; — mas lembrado em 4.º lugar, depois mesmo d'um substituto, que não é formado, — quando até aqui servira em 1.º lugar, é um facto tambem extraordinario! Tem a mesma explicação; — o exm.º conselheiro pediu, — rogou, — instou, — e o milagre fez-se!!..

Então não acham isto edificante? Não é isto muito proprio da alta missão de um homem, que é o presidente da camara dos deputados? Não devia para melhor exemplo ser praticado, sendo ministro da justiça um magistrado, que passa por ser um dos ornamentos da magistratura?

Desenganemo-nos: — o nosso paiz é a terra classica do patronato — e da parvoice. Os homens, que passam por grandes no conceito publico, são espuma do mar. Em lhe passando qualquer negocio pela mão, havendo pedidos — ninguem cura de cumprir o seu dever — o caso está em servir o amigo, que pede. Ha excepções, que veneramos. Isto não tem remedio — é molestia de todos os governos. Precisamos um dia, como nos tempos heroi-

D. Garcia neste ponto de accordo pleno com os desejos do almirante do rei de Viantana.

Conheceu que ia ser committido de inimigos, e para significar o jubilo, com que os recebia, mandou embandeirar a caravela, e com a artilheria apontada, governou contra a armada dos malaios. As lancharas rodearam-no immediatamente, approximando-se quanto podiam afim de o investirem. Mas o Laximena, receiando despedaçar-se ao pôr-lhe a prôa, conservava-se em distancia medida pela boa prudencia. As ballas varriam o convez da caravela, e penetravam-lhe no costado, posto que forte. Ella, porem, que levava vento favoravel, e obedecia com promptidão ao leme, respondia com pontarias maravilhosas aos tiros das embarcações inimigas. Enfim um pelouro salido dos seus castellos fez baixar e desaparecer nas ondas, despedaçada, a lanchara de Laximena, com elle e um filho seu. Manes de D. Paulo da Gama, estaes vingados!!(2)

Foi o signal da victoria, e a chave de ouro que fechou o combate. Os inimigos voltaram a pôpa, perseguidos sempre pela artilheria da caravela, que se ia apoz elles.

Era este o primeiro, e devia de ser talvez o ultimo triumpho, que D. Garcia tinha de colher nos mares e regiões da India, mas dava já bem fundadas esperanças de heroe famoso, heroe

(2) D. Paulo da Gama, filho do primeiro conde da Vidigueira, tinha morrido em peleja naval, contra este mesmo almirante do antigo soberano de Malaca.

cos da convenção franceza, pôr a *probidade e a justiça* na ordem do dia, e euchotar do templo os vendillões.

O escandalo deu-se. Todas as pessoas sensatas reprovaram este acto do mais nojento favoritismo. Os juizes substitutos nomeados pediram a sua demissão em desaffronta d'aquelles honrados caracteres assim desfeiteados. Olhe por isto o governo, ao menos para fazer com brevidade expedir a aposentação do juiz Aguiar, e nomear para aquella comarca outro juiz de direito intelligente e probo, que é o que todos ali desejam.

Quanto ao protagonista d'esta scena comica, só temos a dizer-lhe com toda a sinceridade que — semeie que ha de colher. — E' assim que — *itur ad astra*. — Dos verdadeiros interesses do seu circulo, — das suas estradas, — da questão da liberdade do commercio de vinhos não quide. Trate d'estas miserias, que são as suas questões favoritas — dignas da sua grande alma!..

REFORMA VINCULAR

Additamento ao § em que se trata da avaliação do rendimento pela matriz.

A portaria de 28 de setembro de 1861 procurou remediar a falta das matrizes dizendo no n.º 10, que onde as não houver, o valor será fixado pelo *systema* prescripto no art. 18 da mesma L. e no art. 8 § 1 e 2 do regulamento respectivo.

Mas isto é um triste remedio — o governo não estava auctorizado para tomar esta providencia. E' ella por isso exorbitante e nulla e lá fica tudo que se processar por este *systema* eivado d'um vicio, que pode de futuro crear complicações. Alem de que, referindo-se áquelles artigos de legislação, a portaria substitue a avaliação por accordo das partes — isto é — em muitos casos a mentira, a uma operação, que se devia supôr feita com imparcialidade e que por isso devia apresentar-nos uma avaliação verdadeira.

§ 24.

Registro de vinculos sem instituição.

Sabemos que pelo art. 33 da Lei se considera a posse por mais de 30 annos dos bens, como vinculados, base sufficiente para o registro, uma vez que esse facto seja consignado por meio de sentença passada em julgado. E' pois necessario um processo.

Mas quem serão as partes?

D'um lado o actual administrador como requerente — isso é claro. Mas do outro? O immediato successor para que se tem os mesmos interesses? Deveriam então ser chamados os herdeiros legitimos do actual administrador? Esses é que eram realmente interessados em fazer averiguar a verdade — entretanto a Lei não se lembrou d'elles.

E' boa cautella chamal-os. Quanto ao M. P. tambem não ha que duvidar que deve intervir.

como os portuguezes todos foram na Asia: peito ás ballas, bandeira nos topos, sorriso nos labios.

Diogo de Couto, que alguma cousa intendia de critica-militar, declara que mostrou D. Garcia de Menezes, nesta briga, que as letras não desbotavam á lança, e fazia com estas palavras o seu proprio elogio.

O exito do combate de D. Garcia era anciadamente aguardado dos muros da fortaleza. Os soldados tinham ao longe avistado, destacando-se vagamente no horizonte das aguas, uma vella. Viram-na approximando-se e sahirem a commettel-a as lancharas do rei de Viantana. Que galhardia exclamaram elles ao verem a caravela cobrir-se de bandeiras, como virgem que se enfeita para se entregar a seu noivo, e endireitar com a armada que a buscava. Depois nuns de fumo tinham involvido os combatentes, tinham fuzilado os relampagos, havia retumbado o trovão e, quando a tempestade cessara, procuraram anciosos onde o raio tinha deixado ruinas. As cincoenta lancharas fugiam desbaratadas ante um navio que traz ellas ia vomitando fumo e fogo. Oh! quem seria o capitão, que taes feitos lhes prometiam?

Algum tempo depois era D. Garcia de Menezes recebido á porta da fortaleza nos braços de D. Pedro da Gama e mais fidalgos da guarnição e alojado, a seu pedido, na estancia mais arriscada.

Viva o cavalleiro incansavel nos trabalhos, de feito inabalavel nos perigos! (Continúa.)

FOLHETIM

D. GARCIA DE MENEZES

Conto por J. E. L. de M.

VI

De como el-rei de Viantana desembarcou em Malaca. Commetteu os inimigos a caravela de D. Garcia. E da grande victoria que houve d'elles este capitão.

(Continuação do n.º 71.)

Com a primeira luz da manhã descobriu a armada dos reis da liga as paredes da fortaleza, aquellas tão respeitadas paredes, que, na phrase de Jacintho Freire, insolencia parecia o commetel-as, avistal-as delicto.

O rei de Viantana desembarcou logo em Ilher, pelo sul, ao mesmo tempo que Sangue de Pate, general de um dos exercitos colligados, desembarcava pelo lado do norte n'uma povoação habitada pelos indigenas. Apezar da opposição forte, que da parte dos naturaes, ajudados por um reforço que D. Pedro lhes enviara, ambos experimentaram, não pozeram comtudo muito tempo em occupar aquella parte da cidade, onde Sangue de Pate desembarcara, obrigando os defensores a recolherem-se á fortaleza. E foi esta perda importante, pois ali estavam armazenados os mantimentos e a fazenda toda que na cidade havia, o que tudo se perdeu, ficando a for-

(1) Embarcação Malaia.

Com a devida venia copiamos do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, uma correspondencia d'Angola, relatando minuciosamente todos os acontecimentos que ultimamente se deram naquellas possessões.

ANGOLA

Loanda, 28 de janeiro de 1862.

Sr. redactor. — O seu jornal é muito considerado e lido, e como se tenha occupado amudadas vezes d'esta colonia, e ali se vá por isso buscar noticias d'ella, julguei que não seria sem conveniencia dizer por via d'elle ao publico do nosso paiz algumas palavras sobre dois acontecimentos que merecem prender a attenção:

São elles a guerra do Songo e de Cassange, e o que respeita ao commissario britannico da commissão mixta n'esta provincia, Edmundo Gabriel, tanto no que toca á sua questão de contrabando, como a proposito do trafico de escravatura.

Ha uma terceira questão importante, sobre que podia dizer-lhe alguma coisa, que é o conflicto entre o governador geral e o presidente da relação e o juiz da 1.ª vara; mas como a noticia d'elle ali chegou já nos vapores antecedentes, e é de crer que v. e os demais jornalistas estejam já esclarecidos a seu respeito, pois só que houve curioso que lhes remettedo o *Boletim Official* onde se achava descripto desenvolvidamente, e todos portanto tenham illucidado o publico, nada digo.

Porém não. Sempre direi que, se o governo da metropole não sustenta a dignidade do governo geral d'Angola, delegação do poder executivo, dando uma lição aos juizes, que mostram não conhecer ou não respeitar os principios e as disposições citadas no mencionado *Boletim*, assim como as portarias de 4 de junho e 2 de julho de 1847, esta provincia será de futuro ingovernavel.

Vamos porém ás questões de que prometti occupar-me.

Já quando o governador Calheiros tomou conta da administração da provincia, o concelho de Pungo Andongo andava infestado pelos escravos revoltados do casal de Costa e principalmente do de Pires; e a linha commercial de Cassange não estava inteiramente segura, como verdadeiramente nunca esteve. Essas depredações augmentaram em seguida, e os roubos naquella linha começaram a ser mais frequentes.

O governador Calheiros tratou de pôr em ordem o concelho mencionado; e com a administração d'elle, confiada ao major graduado de 2.ª linha João Francisco do Casal, conseguiu-o.

Neste intervallo a gente do Songo redobrou d'audacia, uma caravana foi toda roubada e assassinados carregadores e soldados em Gundo Giauquibinda, e o commercio de Loanda e Cassange começou a soltar gritos de desolação e a pedir protecção, auxilio e segurança.

O governador julgou as suas lamentações fundadas e o pedido justo; julgou com razão que era preciso dar uma lição ao Songo; e ordenou a formação da 1.ª columna d'operações sob o commando do mesmo major Casal, e a sua marcha sobre aquella linha.

Para ir de *supporte* a essa força ordenou logo em seguida a formação d'uma 2.ª columna sob o commando do tenente de 1.ª linha, chefe d'Arbaça, Julio Augusto da Serra; e elle proprio se moveu, e foi até Malange para mais de perto apreciar as coisas, e providenciar mais promptamente se fosse preciso.

Quando em meia campanha o major Casal, depois de batido o gentio do Songo em alguns recontros, avançava em sua perseguição, recebeu em Gundo Giauquibinda a noticia de que o gentio do Quango e Quombo, além de Cassange, tinha roubado e mesmo assassinado diferentes commerciantes estabelecidos por aquellas terras, e que a feira corria muito grande risco de ser aniquilada, perdendo-se todas as suas vidas e fazendas.

Aquelle official recebendo a noticia ás 11 da noite pôz-se em marcha á 1 da madrugada, e andando de dia e de noite entrou em menos de tres dias e meio com a sua força em Cassange, com espanto de todos os que conhecem as difficuldades que lhes foi preciso vencer, e sem isso a feira seria com effeito perdida.

Em virtude d'este acontecimento a 2.ª columna adiantou-se, perseguiu ainda por varios modos os rebeldes do Songo, e foi reunir-se á 1.ª para operarem ambas, vingando os males e as injurias que acabavam de fazer-nos.

Reunidas as nossas forças em Cassange, e sendo o interesse do commercio d'aquella feira resgatar os grandes valores roubados, os commandantes trataram de dar tempo a que o gentio fizesse as restituções que se negociavam; e tratou-se de fazer entretanto uma fortaleza, que até hoje nenhum governo pensara em levantar, deixando sem defeza aquelle mercado.

Terminadas as negociações, aliaz com pouco resultado, era preciso castigar os insultos, os roubos e os assassinatos feitos; e as forças entraram por isso em campanha no dia 11 de novembro.

Todo o Cassange foi percorrido e severamente castigado, e em 22 de dezembro as participações foram: que iam partir para o Quombo, e que, escarmentado aquelle gentio, estava a campanha concluida, e retiravam.

No dia 26 sahiram com effeito as duas columnas, na força de 900 a 1000 homens, pouco mais ou menos; e aquella guerra tão necessaria, tão bem sustentada, que ia concluir-se em 15 dias com immensos resultados e pouco onus para a provincia, ficando para muito tempo seguro o

commercio d'aquella linha, foi ter o primeiro re-
vez, com perda de muitos bravos, dando lugar á
prolongação da campanha, e obrigando a mais
incommodos, sacrificios, e não pequenas des-
pezas.

As columnas marcharam no dia 26 e no dia
27; no dia 28 descansaram, e mandaram um
emissario ao soba Gunza Acombamba, que fi-
cava a não grande distancia, creio que com o
fim de o sondar. Mas a resposta chegada no dia
28 já de noite, parece que não foi satisfactoria.

O commandante Casal resolveu ir battel-o no
dia seguinte; para o que marchou á meia-noite
com toda a sua 1.ª columna e o pelotão do 1.ª li-
nha da 2.ª, deixando Serra com tres pelotões de
2.ª linha, resto da sua columna, e alguns empa-
caceiros a guardar o acampamento, bagagens,
reservas de polvora, etc.

As 11 horas do dia começou a apparecer no
acampamento gente do soba Camuega, mas per-
guntado sobre que havia, não disse coisa alguma;
depois entraram a chegar soldados moveis de
linha e empacaceiros feridos desarmados, di-
zendo que tudo tinha sido derrotado. O tenente
Serra avançou então com os seus tres pelotões;
mas a não longa distancia encontrou toda a co-
luna retirando em debandada, em completa
confusão e desordem, e com o inimigo sobre ella
em grandes massas.

Retirou a toda a pressa para o acampamen-
to, e dispoz-se para a defessa.

O impeto das massas em retirada desorde-
nada e do inimigo sobre o acampamento foi um
gravissimo risco para o commandante Serra, ten-
do apenas ás suas ordens pouco mais de tres pe-
lotões de 2.ª linha. Pôde, porém, á força de en-
ergia, valor e coragem, conseguir que a sua gente
se conservasse firme e esperasse o inimigo, e que
alguns dos outros se lhes reunissem, e depois de
renhido combate obrigou o gentio a bater em re-
tirada.

Com a gente da 1.ª columna que se lhe
apresentou, viera só um official, um alferes, e
dizia-se-lhe que todos os mais tinham sido mor-
tos; toda a força estava mais ou menos desmor-
lisada, e fora um extraordinario esforço para quel-
les soldados o que se acabava de fazer, susten-
tando e repellido o inimigo, e por outro lado os
negros podiam lembrar-se de flanquear a nossa
força, e dirigir-se sobre a feira, a qual estava mal
guarnecida.

O commandante Serra começou pois uma re-
tirada ordinaria e cautelosa sobre Cassange. Den-
tro em pouco o gentio entrou a picar-lhe a rec-
tguarda; e tendo a nossa força de tornear uma la-
gõa, elle lançou-se atravez d'ella, animado com
os successos obtidos, e suppondo que os nossos re-
tiravam debandados.

Quando os negros chegaram ao fim da lagõa,
acharam a nossa gente em ordem, a qual os re-
cebeu, fazendo-lhes um immenso estrago, e obri-
gando-os a fugir, deixando o combate.

Passou o tenente Serra perto d'aquelle ponto
a noite de 29, e no dia 30 de manhã cedo seguiu
na direcção da feira. Ao chegar ao rio Cassanza
encontrou-se de novo com o gentio que queria
impedir-lhe a passagem; abriu-a elle, porém, au-
xiliando-se para isso com o fogo da sua peça de
artilheria; e de tarde entrou em Cassange.

Segundo nos consta, noticias de toda a fé,
datadas de 31 á noite dão como faltando á cha-
mada tam somente 119 homens de toda a força,
e havendo só 24 feridos, devendo aquelles conside-
rar-se extraviados ou mortos; contando-se nes-
ses 119 o commandante Casal, quatro tenentes
indigenas de 2.ª linha, um alferes de infantaria
n.º 1, e um irmão do dembo Caboso Cambillo
que commandava a força que o dito dembo forne-
ceu para esta campanha.

Do que contam os que estiveram no comba-
te, deprehende-se que o desastre teve lugar do
modo seguinte:

A força chegou ao amanhecer perto da sanzala
do soba Gunza, onde parece que se tinha
reunido muito grande numero de pretos armados
das sanzalas vizinhas, muitos outros fugidos do
Songo, e numerosos pombeiros e escravos que
durante o anno anterior fugiram da feira para o
gentio.

O commandante Casal ia na frente com uma
porção de empacaceiros escolhidos do Caboco,
commandados por este, e certo numero de gente,
bastante do Camuega, soba de Cassange, nosso
partidario. Os pelotões de linha vinham em se-
guida, e atraz destes os pelotões moveis e uma
peça de calibre 1. Parece, porém, que as diffe-
rentes porções da columna vinham um pouco dis-
tanciadas, o que não admira depois de uma mar-
cha de noite.

Casal achou-se com o inimigo, e começou o
ataque; mas o Camuega vendo morrer alguém da
sua gente, e sobretudo um sobrinho seu muito
querido, fugiu, e a sua força acompanhou-o qua-
si toda.

O commandante sustentou-se com o Caboco,
e mandou tocar a avançar os pelotões de linha.
Estes avançaram tarde e mal, e cahindo morto o
commandante do 1.º, o tenente Paschoal de Sala-
Mugongo, e ferido o do 2.º, o alferes de 1.ª linha
Bento Moreira, desordenaram-se e bateram em
retirada como a gente do Camuega e juntos com
ella.

O 1.º pelotão movel, commandado segundo
parece pelo tenente Martins de Malange, não se
aguentou, e dizem que o commandante mor-
rera retirando.

O 2.º creio que commandado pelo tenente
Cruz Vieira, filho de Loanda e pertencente á
força movel de Cassange, sustentou-se por um pou-
co, pelos esforços d'esse official, que chegou a
montar a peça de 1 que tinha a seu cargo; mas,

calhando elle, morto, o pelotão fez como os ou-
tros.

Emfim, o 3.º pelotão movel penso que nem
tentou resistir, e seguiu a torrente em retirada.

O commandante Casal sustentou-se ajudado
do Caboco e do tenente Sodré, de Malange. Debal-
de o seu corneta d'ordens tocava a avançar; a co-
luna ia já toda em debandada, tendo sido batida
pelo gentio, que o flanqueára. Só com um
punhado de gente, que se batten até se lhe ac-
abar a polvora, morreu elle e aquelles dois bravos
combattendo com a espada na mão.

Creio que, ainda que quizesse, não poderia
retirar quando se reconheceu abandonado; mas,
mesmo quando pudesse, penso que não retiraria,
porque me parece que não era homem que qui-
zesse sobreviver á sua derrota.

O desastre que venho de descrever foi grave,
não pela perda de gente, mesmo porque muitos
dos que faltaram não de ser extraviados e
apparecerão, nem pela perda que houve d'uma
peça d'artilheria de calibre 1 e d'alguns con-
chetes de polvora, nem pelo revez em si, o qual,
depois se repararia; foi grave pela perda dos ofi-
ciales, alguns reconhecidos já por valentes, e
disto não ha muito; foi grave sobretudo pela
perda do commandante Casal, homem de tempe-
ra singular, talhado para a guerra com os pretos,
o qual será muito difficil substituir.

As causas do accidente são, ao que parece,
um erro do commandante collocando-se na van-
guarda e atacando antes de ter a columna reuni-
da, — a fatalidade da morte dos officiaes, quando
deviam metter os pelotões em fogo, — a fraqueza
do Camuega, e a natureza da força que compu-
nha a columna, gente preta que só combate com
os officiaes a seu lado, senão na sua frente.

Perdoemos ao official valente, que pagou o
seu erro morrendo com a espada na mão; erro
em parte desculpavel, por um lado, visto que sen-
do sempre o primeiro, nos perigos e nas fadigas
é que elle havia ganho a precisa força entre a
sua tropa, e que, por outro, com taes forças é
sempre perigoso qualquer movimento de retira-
da, e se o havia talvez o que elle fizesse, se se
não engajassem com o inimigo e retirasse para
reunir a columna.

(Continua)

Do *Diario de Lisboa*, copiamos os seguintes
documentos:

Ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça

*Documentos do processo formado por occasião
do fallecimento do Serenissimo Senhor
Infante D. João.*

(Continuação do n.º 79)

Auto de continuação dos trabalhos da analyse chimica

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus
Christo de 1862 aos 27 dias do mez de janeiro
do mesmo anno, em esta cidade de Lisboa e edi-
ficio da escola polytechnica e laboratorio chimico
da mesma, aonde veiu o dr. José de Sande Ma-
galhães Mexia Salema, juiz de direito do 3.º dis-
tricto criminal, comigo escrivão do seu cargo,
presentes o doutor delegado do procurador regio-
na 6.ª vara, Diogo Antonio Correia de Sequeira
Pinto, e os peritos chimicos visconde de Villa
Maior, Sebastião Bettamio de Almeida, Joaquim
José Alves, Agostinho Vicente Lourenço e Ma-
noel Vicente de Jesus, e bem assim estavam pre-
sentes as testemunhas Manoel Garcia e João
Manoel Dias ambos empregados neste labora-
torio; o juiz na presença de todos mandou fosse
abertos os armarios em que se achavam encerra-
das as materias submettidas ás experiencias; o
que se fez, depois de se conhecer e serem exa-
minados os sellos, e que, todos se achavam ex-
actamente como tinham ficado da ultima sessão,
e continuaram á hora acima indicada, e sendo 2
horas e meia da tarde foram interrompidos os tra-
balhos para continuarem amanhã pelas 11 horas
da manhã, de que todos ficaram certos, e em se-
guida foram fechadas as materias submettidas ás
experiencias no armario deste laboratorio, que
ficou fechado, lacrado e sellado como nas mais
sessões o tem sido, e de fórma que não possa ser
aberto. E para constar mandou o juiz fazer este
auto, que depois de lido e ratificado perante to-
dos, é assignado pelo juiz delegado, peritos e tes-
temunhas. E eu José Justino Dias Torres, o es-
crevi. — Mexia Salema. Fui presente, Sequeira
Pinto — Agostinho Vicente Lourenço — Manoel
Vicente de Jesus — Sebastião Bettamio de Al-
meida — Joaquim José Alves — Visconde de Villa
Maior — João Manoel Dias — Manoel Garcia —
José Justino Dias Torres.

Auto de continuação dos trabalhos da analyse chimica

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus
Christo de 1862, aos 28 dias do mez de janeiro
do mesmo anno, em esta cidade de Lisboa, e edi-
ficio da escola polytechnica, e laboratorio chimico
da mesma, aonde veiu o doutor José de Sande Ma-
galhães Mexia Salema, juiz de direito do 3.º dis-
tricto criminal, comigo escrivão do seu cargo,
e sendo ali presentes o doutor delegado do pro-
curador regio na 6.ª vara Diogo Antonio Correia
de Sequeira Pinto, e bem assim estavam presen-
tes os peritos chimicos visconde de Villa Maior,
Joaquim José Alves, Sebastião Bettamio de Al-
meida, Agostinho Vicente Lourenço e Manoel
Vicente de Jesus, estando tambem presentes as
testemunhas Manoel Garcia e João Manoel Dias,
ambos empregados neste laboratorio, elle juiz na
presença de todos mandou fuisse aberto o armario
aonde se achavam encerradas as materias subme-
tidas ás experiencias o que se fez depois de se-
rem examinados os sellos do armario, e de se
conhecer que se achavam exactamente como ti-
nham ficado na sessão de hontem, e continuaram

os trabalhos sendo 11 horas da manhã e foram
interrompidos pelas 4 horas da tarde, ficando en-
cerradas as materias submettidas ás experiencias,
no armario deste laboratorio que ficou fechado,
lacrado e sellado como nas mais sessões e de fór-
ma que não possa ser aberto, e hão de continuar
amanhã os trabalhos pelas 11 horas da manhã,
de que todos ficaram scientes. E para constar
mandou o juiz fazer este auto que, depois de li-
do e ratificado é assignado pelo juiz, delegado,
peritos, e testemunhas mencionadas. E eu José
Justino Dias Torres, escrivão o escrevi. — Me-
xia Salema. Fui presente, Sequeira Pinto —
Manoel Vicente de Jesus — Agostinho Vicente
Lourenço — Sebastião Bettamio de Almeida — Vi-
sconde de Villa Maior — Joaquim José Alves — João
Manoel Dias — Manoel Garcia — José Justino
Dias Torres.

(Continúa.)

PARLAMENTO

Camara dos srs. deputados.

Sessão de 12 de março

Presidencia do sr. Seabra

Deputados presentes 68 — Acta approvada
— Correspondencia — Interpellações — Segundas
leituras.

Foi submettido á votação um requerimento,
que os srs. Mendes de Vasconcellos e Julio do
Carvalho mandaram hontem para a mesa, no
no fim da sessão, para que a proposta apresenta-
da hontem pelo sr. M. do reino, sobre as congre-
gações religiosas, fosse submettida a uma commis-
são especial de membros.

Foi approvado resolvendo-se que a commis-
são fosse eleita pela camara.

O sr. Vaz Preto disse que tendo-se creado
por lei veterinarios dos districts, contudo ainda
se não deu a execução a esta lei, por falta dos
competentes regulamentos, e sendo um assumpto
de interesse geral, pedia ao governo que provi-
denciasse a esse respeito.

E por esta occasião desejava, que o gover-
no declarasse positivamente qual era a sua ten-
ção, a respeito do modo de contar o praso para o
registro dos vinculos; e se tinha tenção de apre-
sentar uma lei para prorogar este praso.

O sr. secretario Miguel Osorio informou que
estava sobre a mesa um projecto do sr. deputa-
do, para se prorogar o praso para o registro dos
vinculos.

O sr. M. da fazenda disse que os objectos a
que alludio o sr. Vaz Preto são estranhos á sua
repartição; mas tomou nota d'elles para prevenir
os seus collegas, que de certo o tomarão na devida
consideração.

O sr. Galvão enviou uma representação da
camara de Monte-Mór-o-Velho, pedindo a reforma
da lei do recrutamento.

O sr. Arrobas desejou ser informado pelo
governo se accieita a proposta do governo antece-
dente sobre os arrozacs; porque sendo um ob-
jecto muito importante, convém saber se o governo
está resolvido a collocar-se á testa d'esta ques-
tão.

O sr. M. da fazenda disse que este negocio
respeita especialmente aos srs. ministros da fa-
zenda e obras publicas; e por isso não pode emit-
tir a opinião por parte do governo.

O sr. Polido disse que a commissão de agri-
cultura, que está encarregada da dar o seu pare-
cer sobre o projecto dos arrozacs, já concenciou
com o actual sr. M. do reino sobre este impor-
tante assumpto; e portanto é negocio que está em
andamento.

O sr. José de Moraes, ponderando os poucos
vencimentos que auferem os recebedores do con-
celho, pelas quotas que lhes foram arbitradas pe-
la ultima lei, lembrou ao sr. M. da Fazenda que
estando authorisado para no fim d'un anno ele-
var as quotas aquelles recebedores, aos quaes se
reconhece, que é devido, convém resolver este
negocio dentro do tempo da authorisação; porque
se se não elevarem as quotas, muitos recebedores
largarão os seus logares por não terem os meios
de subsistencia.

O sr. M. da fazenda, reconhecendo a justiça
das observações do sr. José de Moraes, disse que
é este o negocio de que já se tem occupado, e dentro
do praso da authorisação ha-de resolver este as-
sumpto como é de justiça.

O sr. Torres e Almeida pediu ser informado
pela commissão de legislação, sobre que andamento
tem tido uma representação da camara do Porto,
apresentada na sessão passada, em que pedia fosse
approvado o regimento que fez para os seus em-
pregados.

Mandou para a mesa uma representação
dos escrivães da paz da comarca de Agueda, pe-
dindo providencias que melhorem a sua situa-
ção.

Por ultimo desejou saber da commissão de
legislação se já se occupou do projecto que apre-
sentou para a reforma da lei do sello.

O sr. Simas disse que este projecto lhe foi
distribuido, e ha-de remettedo á commissão.

O sr. Bivar disse que tendo apresentado al-
gumas indicações a alguns dos projectos que se-
guem a lei do orçamento, e tendo a camara re-
solvido que fossem enviadas á commissão de fa-
zenda para as considerar como projectos de lei
por elle apresentados, pedia á sua commissão
que os considerasse na nova lei do orçamento;
porque se persuadia que da sua adopção hão-de
provir economias para a fazenda publica.

Pedia á commissão da administração publica
que desse o seu parecer sobre o projecto relativo
á abolição dos passaportes; pedia á commissão de
instrução publica que desse o seu parecer sobre o
projecto que apresentou, relativo a desenvolver

a instrução practica sem augmentar a despesa do thesouro.

Tambem chamava a attenção do sr. M. do reino, desejando ser informado por s. ex.^a se tinha effectuado as providencias a favor da povoação da Armação de Pera, no Algarve, cujo estado é lastimavel depois das inundações porque passou.

Por ultimo pediu ao sr. M. do reino que respondesse á interpegação que annunciou, sobre o modo como se executa na camara de Lagos a lei relativa aos legados pios não cumpridos; por que dessa interpegação podem provir alguns beneficios para as misericordias da localidade.

O sr. M. do reino disse que se tinha mandado colligir os documentos necessários para se habilitar a responder á interpegação referida pelo sr. deputado, mas sendo informado de que elles estão na camara, pedia á mesa que os mandasse devolver ao ministerio do reino, e logo que os tenha examinado responderá á interpegação.

Em quanto á povoação de Armação de Pera, podia assegurar, que, segundo as participações do governador civil, tinham-se dado todas as providencias para socorrer aquella povoação.

Que por esta occasião diria ao sr. Vaz Preto, que entende conveniente a prorrogação de prazo para o registo dos bens vinculados, e occupa-se deste objecto.

O sr. Quaresma informou ao sr. Bivar de que a commissão de instrução publica se ha-de occupar amanhã do projecto a que alludiu.

Ordem do dia

Continuação do incidente suscitado hontem sobre a venda dos bens das freiras de Lovão

O sr. M. da fazenda historiou o que se tinha passado n'esta arrematação, mostrando que nem da sua parte nem da dos procuradores da fazenda, houve o menor proposito de fraudar a praça e que foi estranho ao annuncio que se fez no *Diario*, e que appareceu no dia da arrematação, porque isso correu pelo expediente da secretaria.

Leu um requerimento do arrematante em que pede que os bens voltem á praça, sustentando o laço que offereceu; e disse que isto é o que se deve fazer.

Continuando, sentiu que se queiram lançar sobre a sua honra calumnias affrontosas, as quaes a sua consciencia repelle, sendo para lastimar que se queira envenenar a vida de qualquer homem que se entrega á vida publica; protesta que não vergará debaixo dessas calumnias; continuará com toda a sua actividade a sustentar o seu posto, em quanto as suas forças physicas lho permitirem.

O sr. Simas, tendo obtido fallar neste lugar, disse que não costuma assistir ás arrematações, o que tem commettido aos seus ajudantes; mas estando na secretaria na occasião desta arrematação, e sendo consultado, foi de opinião que a propriedade, sobre que havia um protesto, fosse vendida, porque os protestos não dão nem tiram direito e lá estão os tribunales para resolverem, mas quando deu esta opinião, não sabia do annuncio que vinha no *Diario*, em que se retirava da praça esta propriedade.

Mas depois de apparecer um requerimento do arrematante, desistindo dos seus direitos, e pedindo que esses bens vão á praça novamente com o laço que sustenta, o negocio deve terminar.

O sr. Pinto Coelho declarou que acreditava que o sr. M. da Fazenda não teve conhecimento do annuncio publicado no *Diario*, em vista do qual a arrematação está nulla; mas não pôde concordar com s. ex.^a no modo porque acabou o seu discurso, invectivando os deputados que tem tomado parte neste debate.

Passando a tractar da questão, disse que nem o sr. Teixeira Pinto tinham contrato algum de aforamento com as religiosas de Arouca e perguntou ao sr. José Estevão se sabia de algum deputado que o tivesse.

Depois de responder ao discurso do sr. José Estevão pronunciado hontem, concluiu dizendo que fazia justiça ao sr. M. da fazenda, acreditando que s. ex.^a tinha andado de boa fé n'este negocio.

O sr. presidente dando para ordem do dia de amanhã trabalhos em commissão e para sexta-feira e eleição da commissão especial, e a continuação da que está dada, levantou a sessão.

CORRESPONDENCIAS

ESTRADA D'OLIVEIRA D'AZEMEIS A AROUCA.

Sr. redactor

Feira, 1 d'abril de 1862.

(Resposta séria a uma correspondencia graciosa.)

A guerra é uma cousa bem horrivel. Nasceda no orco, parece que a nada poupa desde o microscopico reptil até ao dominio do homem, desde o rasteiro vegetal até ao altaneiro cedro do Libano. Ora vejamos que até se ateu flaminejante entre os cambreses e carregos por causa da directriz da estrada d'Oliveira d'Azemeis a Arouca, pchando a cada uns para seu lado.

A principio corria a cousa menos mal; os carregos e pindellos formaram o seu nichinho á maneira de baluarte, e delle expediao surdamente, em logar de tiros de canhão, bombas de patronato. Não tardou muito, porém, que se desse pela cilada — O publico soube-o.

Nesta conjunctura reuniram-se os carregos e pindellos em conselho de guerra e elegeram (por unanimidade) para seu commandante em campo descoberto, o marechal Fran-

cisco, que, socorrendo-se á boa da imprensa, fez a guerra por novo systema.

(Lêa-se a correspondencia deste jornal de 21 de março passado.)

Parece que já ouço a insaciavel curiosidade a perguntar:—então temos algum novo Anibal, ou algum desses barões illustres capaz de passar alem da Taprobana?—Não, amigo leitor: o barão illustre de que fallamos vae muito mais longe, porque aquellos que o insigne poeta celebra descobriram terras, e *entre gente remota* edificaram e sublimaram um reino, e este transformou, e illiminou do orbe terraqueo terras já descobertas, e isto são obras de maior esforço.

Ora attendam:—Poz em Cambra um travessão no caminho, que conduz a Oliveira d'Azemeis, e disse: «povos deste valle, a vossa pertença é respeitavel, e é essa a razão por que a guerreio! — é tempo d'acabardes com essa costumeira d'irdes para Oliveira d'Azemeis; vinde comigo, eu vos conduzo por um ramal (que se ha-de fazer) para a minha Carregosa, e d'ali para S. João, Couto, Arrifana, Villa da Feira e Ovar, onde tendes uma estação de ferro, que vos é precisa: e vós, bom povo d'Avancu, vinde para Oliveira por Carregosa e Pindello, não só porque communicaes (tambem ao mesmo tempo mais facilmente!) com aquellas terras, mas tambem por que, assim, andaes pela estrada da sardinha e do sal...; e não committaes a temeridade de vos communicardes com Cambra, porque, se o fazeis, ficaeis isolados como d'antes, e d'ahi já não passaeis para Oliveira d'Azemeis! e nunca vos esqueçaeis de que o isolamento e a communicação são irmãs que vivem na maior harmonia!

Os cambreses, (e parece-me que mais alguém), riram muito de contentes, mas não acceitaram o brioso convite em attenção ao sacrificio do offerente. Pois então, disse o marechal, haveis de me pagar bem cara a repulsa: vou assumir poderes de gigante, e não hei de ficar inferior ao fero Adamastor da fabula. Immediatamente se acceitou nas suas pequenas inclinações, quasi nenhuma expropriações, e insignificante arco do Insua — e exclamou, como o propheta ao rei Balthasar: — Maldicto Valle de Cambra, a tua abundante producção, fabrico de manteiga, e panos de linho, tudo é terminado; e assim, já que não tens commercio, fábricas, nem cousa alguma, e só offereces pedra britada, — eu te detesto, — toma já melhor aspecto.

De repente d'Oliveira d'Azemeis a Cambra, e de Cambra á Farrapa desapareceram as povoações! e, agora, já se lá não descortinam senão sitios ermos e despovoados, rochedos a quebrarem-se, e pontes a erguerm-se! — O nosso conquistador já podia ficar por aqui; mas qual? foi ás inspirações a Mangores... e eilo já com mais bravura. Lançou mão da esponja e disse: «Ereguezia d'Ossella, já que tu pertences ao concelho d'Oliveira d'Azemeis, e povóas a distancia que ha desta terra a Cambra, e já que te identificaste na pertença desta; eu te apago das cartas geographicas: ha muito que tu e Cambra existiz, e, então, tens direito a que eu vos dê estes bons tractos.»

De Ossella se dirigiu o heroe para Oliveira d'Azemeis, e aqui não desmentiu das suas gentilezas. Clamou elle: «airosa villa de Oliveira d'Azemeis, já que commetteste o crime de seres a capital do meu concelho, de estares n'uma bella posição topographica, de me dares a minha cara metade, de bradardes, como se brada, a lobos que roubam cordeiros, contra a minha directriz, pugnando pela de Cambra! eu te estafio: Colloco barricadas em todas as tuas avenidas, para que a tua praça deixe de ser o emporio do commercio dos povos da serra e da beira-mar, para que as tuas estações de correio, telegraphica e postal durmam descansadas; e finalmente para que todas as tuas repartições publicas tenham longa sésta. — Eu vos ponho em rigorosa dieta para que não manifesteis muita vitalidade!!!

Como o poeta poderia dizer agora o leitor: — aqui não pode (este) Gama mais. — E' verdade. Relampejado pelo milho de Cambra, (que havia aniquilado) lá se sente derrocado do throno a que se guindou, e despindo, a custo, o arnez de guerreiro e depondo a sanha do exterminio eil-o presenteiro e loução a dizer: Caros oliveirenses não façaeis contestação á minha pertença, sede gratos a vossos patricios — vós sacrificaeis o vosso bem. — Ainda que para a vossa villa (propriamente dita!), a estrada por Cambra possede ter mais alguma utilidade; — que importa isso? O muito milho de Cambra, quer a estrada se faça por uma, quer por outra parte, ha de vir sempre (do mesmo modo) a vender á praça d'Oliveira!!!

Foi o marechal chamado pelos seus a contas e perguntando-lhe estes: Então que fizeste famoso conquistador? — Resposta: Fiz bravuras incriveis, — estendi-me completamente — obrei a guerra com todo o donaire — puz os soldados inimigos em mãos de padeira, — e finalmente fiz á verdade, justiça, decoro, grammatica, logica, e mesmo á paciencia do leitor, o mesmo que um enfermo furioso faz á cobertura. Deixei tudo como o farrapo da minha fabrica... para onde vou dormir (das maçadas já cansado) até que me despertem, porque não acórdio sem me chamarem.

Sou de V. etc.

Um conhecedor da localidade.

EXTERIOR

DESPACHOS DIRECTOS

Madrid, 28, ás 4 horas e 55 minutos da tarde.

Houve um conselho nas Tulherias, sobre a questão romana, e a que assistiu o marquez de Lavalette.

Mr. Girardin voltou de novo a ser redactor da «Presse.»

O governo russo entendeu dever augmentar o exercito.

Em Veneza e em Roma tem havido prisões.

O marquez de Lavalette, embaixador de França em Roma, em consequencia do seu desacordo com o general Goyon, não voltará para aquella cidade.

Na Grecia houve uma amnistia.

Madrid 29, ás 7 horas e 15 minutos da tarde.

O jornal de Paris «La Patrie» ataca monsenhor Merode, ministro das armas em Roma.

As relações do marquez de Lavalette com o cardeal Antonelli dão logar a haver esperanças de Roma vir a ceder.

A França e a Hespanha estão em desacordo sobre as consequencias da expedição do Mexico.

Madrid, 31, ás 5 horas e 30 minutos da tarde.

O «Pays» diz que os gabinetes interessados na questão do Mexico transmittiram instruções ao general Prim, para poder assignar tratados na capital d'aquella republica.

A «Union» e a «Opinion» atacam a «Patrie» quanto á harmonia que diz existe entre o cardeal Antonelli e o marquez de Lavalette.

Dos jornaes do correio d'hontem copiamos os seguintes telegrammas:

— Da «Chronica dos dois mundos»:

«Pariz 26 de março. — As noticias recebidas do Mexico annunciam que uma corveta da expedição naval franceza se apoderou, depois de algumas horas de bombardeamento, do forte Carlos na bahia de Acapulco, um dos portos de melhores condições do Novo Mundo.

O governo dos estados federaes do norte da America parece que está resolvido a intervir na questão do Mexico.

O presidente Lincoln trata de desculpar este acto da sua politica, pretextando que, segundo as suas noticias, a chegada ao Mexico das tropas hespanholas provocara um movimento de annexação á Hespanha nas republicas do sul da America, que n'outro tempo foram patrimonio da nação hespanhola.

O chefe do governo federal acredita que taes tendencias prejudicam os interesses dos Estados Unidos, encarregados de vigiar pela independencia da America, e pela manutenção da forma republicana n'aquelle vasto continente.»

«Pariz 25 — O marquez de Lavalette, embaixador de França junto da corte pontificia, recebeu ordem de apresentar-se immediatamente em Pariz.

O sr. Lavalette, cumprindo as instruções recebidas do seu governo, tinha celebrado, n'estes ultimos dias, largas e frequentes conferencias com sua santidade, cujo resultado ainda se ignorava.

Nos circulos politicos melhor informados de Pariz é objecto de todas as conversações a chegada do embaixador francez. São varios os comentarios. Alguns dizem que o governo do papa retirou, enfim, a sua celebre resposta: non possumus, achando se resolvido a estabelecer as precisas negociações para o arranjo da questão romana. E' porém mais geral a crença de que o cardeal Antonelli repelle toda a idea de accordo, apezar de o terem ameaçado com a retirada immediata do exercito de occupação.

Mazzini, em vista dos ultimos acontecimentos de Italia, que chamaram ao poder o ministro Ratazzi, publicou um manifesto em extremo bellico, incitando a Italia a liberdade Veneza e Roma, por meio das armas. Este documento é notavel pela violencia e energia da linguagem, proprias d'aquelle chefe do partido republicano.

Inspira graves inquietações o empenho manifestado por Garibaldi para realizar a fusão dos voluntarios com o exercito regular. Julga-se que d'aqui provirá algum successo notavel.

Da «Correspondencia»:

«Frankfort 24. — Diz uma correspondencia de Nova-York, publicada no «Journal de Frankfort», que a intenção attribuida á França e Hespanha de fundar uma monarchia no Mexico, causa grande inquietação em Washington, e alguns jornaes insultam Napoleão III; outros chegam a dizer que a ideia do imperador de França é de estabelecer tambem uma monarchia no sul dos Estados Unidos, cujos estados se prestariam a isso contanto que a Europa os reconhecesse.

Assegura-se que o governo francez se pronunciou pela não intervenção na Grecia, posto que offerecesse a sua acção diplomatica para a manutenção da actual dynastia.»

«S. Petersburgo 24. — Falleceu o conde de Heselrode.

Desmentem-se os boatos de que iam ser dissolvidos os regimentos de couraceiros da guarda.»

«Roma 24. — A saude de sua santidade continua mui delicada.

«Milão 24. — Houve uma demonstração italiana em Verona. Accenderam-se fachos tricolores em diversos pontos da cidade. Alguns soldados hungaros foram presos em Mantua.

O governador da Hungria chegou a Veneza.

Inaugurou-se o tiro nacional em Milão. Garibaldi atirou duas vezes, e ainda que as suas pontarias não fossem mui certas, foi, todavia, applaudido.

O clero milenez dirigiu-se a Garibaldi pedindo-lhe que obtivesse o apoio do governo contra as perseguições que, por causa do seu patriotismo, sofre das auctoridades pontificias.»

«Constantinopla 24. — O vapor inglez «Liconia» abalroou no mar de Marmara o vapor russo «Colchida», o qual se afundou em poucos minutos, perdendo se toda a carga, e perecendo quasi todos os passageiros e tripulação. As noticias da Grecia dão a insurreição como terminada.»

«Pariz 24. — A baixa da bolsa procedeu da chamada do embaixador francez em Roma, e pelos falsos boatos que circularam de ter morrido o papa.»

«Londres 25, á noite. — As fragatas federaes destruidas pelos confederados são a «Cumberland» e «Congresso», o combate naval deu-se na embocadura do rio James.

O «Times» de Nova-York diz que o abandono de Manassas pelos confederados é a confissão da impotencia destes e o pronuncio da conclusão da guerra.

A livre navegação do Potomac deve-se ás exigencias da Inglaterra.»

«Pariz 25. — São infundadas as noticias dadas por alguns jornaes acerca da saída do ministerio de Persigny, o qual continua a merecer a inteira confiança do imperador.»

Turin 25. — Garibaldi chegou a Mouza, onde foi recebido com grande entusiasmo. As senhoras fizeram-lhe uma ovação, e Garibaldi agradeceu á povoação, dizendo-lhe que esperava encontrar o mesmo entusiasmo no campo de batalha. O povo respondeu: «Sim, sim!»

Marsella 25. — Chegou o sr. Lavalette, e sae immediatamente para Pariz. Alguns acreditam que não voltará a Roma em quanto não estiver resolvida a questão romana.

Os insurgentes de Syra trataram de insurreccionar a ilha de Tinos; mas foram recebidos a tiro, e retiraram para a ilha de Hythmos, onde havia emigrados politicos. Perseguidos pelas tropas reaes, resistiram energicamente; mas tiveram muitos mortos, feridos e prisioneiros, e entre estes ultimos foi Sestrayos, chefe dos revoltosos.

Evadiram se os presidiarios de Chalus. A tropa fez fogo; matou seis e feriu quinze. O resto conseguiu fugir; mas o telegrapho communicou esta noticia, e 44 já estão capturados. Os restantes estão cercados por todas as partes e terão que entregar-se.

NOTICIARIO

Feira de Março. — Terminou esta feira que apesar do mau tempo foi boa. As chuvas reduziram a um lamaçal intransitavel as ruas, e alguns dias tiveram os feirantes que fechar as lojas em consequencia do vento; apesar disso a concorrência foi grande, e as transacções que se operaram, foram muitas mais que o anno passado. Este resultado deve julgar-se dependente do dinheiro que se tem espalhado com os trabalhos do caminho de ferro.

Caminho de ferro. — Tem progredido pouco o atterro do valle de Esgueira, apezar de se fazer o transporte das terras, por meio de carros móvidos sobre o carril, que já se acha assente. O tempo que continua mau, oppõe-se ao progresso dos trabalhos.

Falta de peixe. — A demora da enchente da ria tem causado grande escasez de peixe, neste mereado. A abundancia que quasi sempre havia na praça d'Aveiro, trocou-se agora por uma grande falta, com grave prejuizo da classe piscatoria, que não tira lucro dos seus arduos e arriscados trabalhos, e das pessoas menos abastadas que com o peixe se alimentavam barato.

Sementeiras. — E' lamentavel o atrazo em que estão este anno as sementeiras no concelho de Aveiro. Ainda não estão semeados os trigos tremezes, nem o milho nas terras seccas, e se as chuvas continuarem já vão tarde.

Artista de merito. — Diz a *Revolução* que chegou a Lisboa no dia 25 de março ultimo vindo do Brazil, o sr. Serafim da Fonseca e Sá, que é incontestavelmente o mais habil gravador de vidro do nosso paiz, e um dos mais notaveis da Europa.

O sr. Sá é um portuguez que reside no Rio de Janeiro ha 20 annos, onde suas obras tem sido muito admiradas pelas pessoas competentes. S. M. E. sabendo do merito do sr. Sá, mandou-o chamar ao paço, onde o nosso compatriota n'uma longa conferencia mostrou o seu talento cultivado apenas pela vocação artistic. S. M. I. conferiu-lhe as honras de reposteiro da imperial camara, e fel-o gravador da casa imperial.

O sr. Sá é natural de Barrellas, proximo de Vizen, e dizem-nos que tenciona vir estabelecer-se nesta capital; pela nossa parte estimamos que a sua vinda se realice; e esperamos que neste paiz onde são raros os artistas deste genero, se dê toda a consideração aos trabalhos do nosso compatriota, que já possui duas medalhas de ouro da primeira classe, conferidas pelo jury da exposição das bellas artes do Rio de Janeiro.

O sr. Sá veiu visitar a patria, e volta ao Rio onde tem sua familia.

Cálculo curioso. — Do «Coniubriense». Para se formar uma ideia da immensa quantidade de ferro empregado na construção dos caminhos de ferro em todo o mundo, basta dizer que se todo este ferro se fundisse em uma

só barra, dirigida da terra para a lua ultrapassaria a altura desta em 40.000 kilometros, e a distancia da terra á lua é de 345.000 kilometros. Em quanto ao dinheiro empregado nas linhas ferreas formaria um cubo de ouro, cujos lados teriam cada um 7 metros e 75 centimetros, com o peso de 8.787 toneladas. Para contar uma tal quantidade de dinheiro, suppondo que se contavam 5 luizes por minuto, precisava de uma pessoa empregar 552 annos, 2 mezes e 15 dias; e contando cinco peças e um franco no mesmo espaço de tempo empregaria 11.044 annos, 2 mezes e 24 dias; isto é, referindo-se a uma época historica, duas pessoas que houvessem começado a contar o dinheiro desde a saída de Noé da arca, concluiriam agora o seu trabalho.

Queixas. — Sendo costume estar, ás quintas-feiras, aberta a porta do hospital desta cidade, afim de que os parentes dos doentes, que se acham n'aquella casa, os possam ir visitar, constanos que hontem o enfermeiro se opposera a isto, prometendo mesmo não cumprir ordens superiores. Recommendamos ao sr. provedor que castigue estes abusos.

Jantar no paço. — Sua magestade el-rei o senhor D. Luiz, honrou no sabbado, 29, o corpo da armada real, convidando a jantar no paço de Pedroços, os officiaes generaes e superiores da marinha em commissão.

El-rei appareceu vestido com o grande uniforme de marinha.

O jantar foi servido de uma maneira verdadeiramente real, e chegando-se á sobre mesa, e tendo os criados enchido os copos de Champagne, ergueu-se el-rei, e dirigiu seu brinde ao corpo da marinha, de um modo digno de tão alta pessoa, e apropriado ao assumpto, declarando que:

Pela primeira vez, depois de subir ao throno, reunia os officiaes com quem servira, demonstrando por esta maneira a sympathia que sempre tivera e conservava pela marinha: sympathia não só devida aos serviços que esta arma sempre prestára á patria, e á qual estava vinculado o mais esperançoso futuro deste paiz; senão porque o seu serviço era dos mais nobres e arriscados, fazendo desinvolver no peito do homem do mar toda a valentia e todo o arrojo, que o contacto das ondas do Oceano reclama de quem se aventura a soffrer os seus rigores. A marinha, disse sua magestade, cahiu em grande decadencia, mas espero que ha de regenerar-se, não de um golpe, mas lentamente, por que o progresso lento é o mais seguro e o mais conforme aos meios do thesouro, para vivificarmos as colonias, protegemos os seus habitantes e tirarmos os recursos de que ellas são susceptiveis. Espero, e confio, que a marinha ha de prosperar, pois é este um dos meus maiores empenhos e mesmo uma das primeiras necessidades do nosso paiz.

Coube a honra, ao sr. ministro da marinha, que se fez orgão da corporação, a cuja frente está, agradecendo em nome della, a manifestação de sympathia e favor que sua magestade lhe prodigalisava, prometendo elle por sua parte seguir neste ponto as generosas e patrioticas inspirações do mesmo augusto senhor, discorrendo sobre a materia com aquella elegancia que o seu reconhecido talento lhe suggeriu.

El-rei no theatro. — Sua magestade el-rei o sr. D. Luiz esteve no sabbado no theatro de D. Maria II, e hontem no de S. Carlos.

Hontem apenas sua magestade appareceu no seu camarote, os espectadores saudaram-o, e rompeu espontaneamente uma entusiastica salva de palmas; o que prova as muitas sympathias pelo joven monarcha, e o prazer que causou a sua apparição em um logar, donde tristes acontecimentos sinceramente sentidos, haviam afastado por muito tempo a familia real.

Naufragio — No sabbado naufragou na barra da Figueira a escuna ingleza *Tagus*. Este navio andava na carreira entre Lisboa e Liverpool, ha cerca de 12 annos.

Perigos que resultam dos balões. — Estando uma filha do tenente-cornel Ribeiro, engommando, e indo buscar ao fogo uma prancha, prendeu-se o lume ao balão e o incendiou; sua mãe foi com um cobertor para abafar o fogo e apagá-lo, o que conseguiu a custo; porém ficaram ambas muito queimadas, e em perigo de vida. O jornal do Brazil, *Alegretense*, fundado neste sinistro, aconselha a guerra aos merinaques.

Caso extraordinario. — Dizem de Silves ao *Comercio do Porto* em 25 de março, que uma mulher do sitio de Odelouca na freguezia de Silves deu á luz tres creanças; uma no dia 21, outra no dia 22 e outra no dia 23. Quando deu á luz a ultima succumbiu.

Diz-nos o noticiador que não é phenomeno n'aquelle sitio o nascimento de tres creanças d'um parto, mas que era caso extraordinario a circumstancia de nascerem em dias diferentes.

Caminhos de ferro. — Todas as linhas do caminho de ferro que actualmente se acham em exploração na Europa, America, Azia, Australia e Africa formam uma extensão kilometrica de 110.934 kilometros. A sua construção custou 29.024.250.000 francos.

O custo médio em geral por cada kilometro é de 271.000 francos.

Nas Americas ha 55.107 kilometros de caminho de ferro; na Europa 52.572; na Azia 2.317; na Australia 564 e na Africa (ingleza) 374.

Episodios curiosos. — Uma folha da capital aponta alguns episodios curiosos, que se têm dado com a distribuição das cartas, que havia retido em seu poder o aventureiro e ladrão, Joaquim José do Patrocínio, carteiro da administração central do correio de Lisboa.

Distribuem-se cartas escriptas em 1854,

não existindo já aquelles, que as escreveram, nem aquelles a quem eram dirigidas.

Ouvimos que um individuo recebeu uma carta com a data de 1854, incluindo duas notas de 20.500 réis que lhe remetia um devedor. O individuo que recebeu a carta já não contava receber aquella divida; porque não queria pedir a ao credor, por certos respeitos, e por conseguinte, tinha-o na conta de um refinado caloteiro. Agora lhe restituirá o credito.

De outro individuo, representante de um negociante já fallecido, diz-se que recebera uma carta, tambem de 1854, dirigida ao finado, e vinda do Brazil com uma letra no valor de sete contos.

Não tendo sido recebida em tempo esta carta, o negociante, por isso, entendeu dever mandar ao Brazil um delegado seu para liquidar a transacção a que se referia a letra dos sete contos, o que lhe custou mais de 400.500 réis.

Tambem consta que algum recebera uma carta, incluindo uma ordem de pagamento sobre uma pessoa d'esta cidade, a qual não pagou a ordem, por já ter fallecido o individuo, que a passava, e haver liquidado todas as cousas com elle.

D'estes casos e outros identicos têm acontecido bastantes.

E', porém, notavel que o carteiro retivesse as cartas sem as abrir. Não era para roubar, por certo. Seria mandrice, ou monomania?

Os jornaes que se lhe encontraram pesam 71 arrobas e 4 arrateis, e os folhetos 5 arrobas e 3 arrateis, alem de mais objectos que roubou, como foram, malas e pezos novos pertencentes á administração do correio, encontraram-se-lhe tambem para cima de 3.000 cartas.

Festa de antropophagos. — A tripulação de um navio inglez que ha pouco estivera fundeado diante da cidade de Bonny referiu em Liverpool o estranho espectáculo que presenciara de bordo no dia 1.º de fevereiro.

N'esse dia, contam os marinheiros, um grupo de homens de medonho aspecto aproximou-se da margem do rio trazendo cinco cabeças humanas que foram symetricamente collocadas na relva. Depois accenderam uma fogueira e pozeram sobre ella uma marmita para fazer aquelle estranho guizado.

Um pouco mais longe outros cannibae fizeram igual operação para cozerem pernas e braços de homens, enquanto uma velha negra cortava bocados de figado humano para guizar. Já se vê que isto era o preparativo de uma variada refeição com que por algum motivo festivo se banquetearam, como costumam, aquelles salvagens carnivoros.

Parece que prevendo o regresso do rei de Bonny, Peple, que tem estado bastante tempo em Inglaterra, a povoação se havia dividido em dois partidos; um recusava receber o rei regenerado pela civilização europea; outro aclamava-o. Tinha-se porém chegado a um accordo em que uma das clausulas era que não se fizessem mais sacrificios humanos sem consentimento do rei. Essa clausula porém parece haver sido violada n'aquelle dia.

CORREIO

LISBOA 2 DE ABRIL

(Do nosso correspondente.)

As noticias politicas começam a ter algum interesse.

Parece fora de duvida que o ministerio depois de muitas excitações resolveu desligar-se completamente dos *dissidentes*. Apesar de um pouco tardia, esta resolução, se existe, trará ao governo as sympathias de todos os homens honestos e o respeito dos seus proprios inimigos.

O apoio de certos caracteres é sempre nocivo, e os governos e os partidos que tiverem a coragem de os expulsarem do seu gremio, ganharão muito na opinião publica. O paiz todo e sobre tudo a gente do povo, conhece perfeitamente quem são esses caracteres, quaes são os seus instintos e os interesses que os moveem, e não perdoa a nenhum governo que se serve de taes elementos para se sustentar, e que attende e ouve os seus conselhos.

Eu já ouvi dizer a um cavalheiro da opposição, homem de são juizo e de muita probidade, que uma das maiores desgraças do seu partido, seria ver reforçar as suas fileiras com os *dissidentes*. Que era mais honroso para o governo cahir do poder desligado daquella gente sem crengas, sem principios, sem ideias e sem dignidade, do que conservar-se muito tempo com o apoio de taes entidades.

Pelo que respeita á dissolução nada lhes posso dizer definitivo. Supponho que o ministerio tenciona resolver a questão das irmãs de caridade até ao dia 20, e apresentar algumas medidas de administração, que são ha muito reclamadas pelas necessidades publicas; e se o seu procedimento, como é de esperar, for applaudido pela opinião do paiz, e não merecer o apoio do parlamento, o ministerio esperará a decisão do poder moderador, que neste caso não pode ser duvidosa.

Para que a situação progressista se sustente e a reacção não logre os seus intentos, é preciso que o ministerio trabalhe com proveito publico, seja inergico, resolutivo, que governe com os principios do partido a que pertence, que não pare, nem vacile diante dos obstaculos, que as facções retrogradadas lhe hão de forçosamente apresentar se o virem entrar com decisão na estrada da liberdade e do progresso.

Nas diferentes atmosferas politicas, os homens gastam-se mais na quietação e na inercia do que no movimento e na acção. Para que o

paiz possa esperar alguma coisa dos homens publicos, que já no declinar da vida nada produziram ainda de util e de aproveitavel, é preciso que elles resgatem o tempo perdido, e provem com factos os meritos que se lhes attribuem.

— Tenho á mão o ultimo numero do *Campeão* e não posso eximir-me a dizer duas palavras ao correspondente d'aquelle jornal, para que os meus amigos, fiquem conhecendo melhor quem são esses homens, que fazem da imprensa um soalheiro de calumnias, de disparates e miserias.

Pelo que se vê da correspondencia a que alludo, conclue-se que o seu auctor pertence ao grupo dos *dissidentes*, gente de ganhar, cuja politica foi inergica e habilmente definida pelo sr. Sant'Anna e Vasconcellos na ultima sessão da camara dos deputados, e s. exc.ª teve tempo e occasião de conhecer bem as qualidades d'aquelles *illustres varões!*

O digno paladino do grupo dissidente affiança, que os seus clientes não abandonaram as bandeiras do seu partido, por ambição de participar da gerencia do governo, mas por odio e rancor á influencia do sr. José Estevão, que elles julgam, que domina o ministerio.

E' bem certo que um amigo tolo e mau é mais prejudicial, que um inimigo honrado e esclarecido. O correspondente do *Campeão* está neste caso porque pretendendo defender a miseravel deserção dos seus correligionarios, torna-a mais odiosa e mais agravante, attribuindo-a á imaginaria influencia do sr. José Estevão no gabinete. O mentecapto confessa que o grupo *dissidente* abandonou o ministerio por odio ás influencias liberaes e progressistas do sr. José Estevão. Os *patriotas* que chamavam *conservadores* e *reaccionarios* aos seus antigos adversarios, os *progressistas rasgados*, que não admitem a mais pequena transacção com os colligados; desertam o seu campo e as suas bandeiras, porque esse campo está melhor ceifado de elementos retrogradados, e porque essa bandeira tem cores mais livres!

Vendilhões miseraveis! vós desertastes por que ereis mercenarios sem brio e sem pudor; — vós desertastes porque ereis guerrilhas aggregados ao exercito, que viveis da traição e da pilhagem; — vós desertastes porque o soldo que vos pagavam não satisfazia a vossa cubiça; — vós desertastes porque do campo inimigo vos acenaram com a bolga que continha o preço da vossa traição; — vós desertastes porque estaveis contrangidos, ficando sós entre gente honesta e liberal; — vós desertastes e atraioasteis, porque esse é o vosso officio, a vossa nobreza e a vossa condicção.

Não era a influencia do sr. José Estevão, que os dissidentes temeram, pois bem sabem elles, que o illustre caudillo da liberdade, se tem conservado afastado do ministerio com a delicadeza e abnegação propria do seu grande e nobre caracter. O que moveu os dissidentes foram as ordens do seu chefe, do *indispensavel agiota*, que soberbo e vaidoso da homenagem que lhe prestou e tem prestado o outro *indispensavel*, que os regeneradores possuem, sonhou logo uma combinação traçoira com o seu antigo amo, que o elevasse á presidencia do conselho com o titulo de conde, confiando a pasta do reino ao *petit prodige*, que foi a Inglaterra fazer-se estadista dentro de uma algibeira de lord Palmestron.

Este é que foi o fim da deserção. Juntam mais uma facção ás facções colligadas, afastando o sr. Fontes, cuja estatura exvelta e elevada não deixa ver do exercito lazarista, a figura infezada do general pupilo do *indispensavel* a quem alguns cabos de guerra pertencem entregar o commando da cruzada ultramontana.

E' certo que as damas da corte caminham para Chagas todas as noites, e vão bordando nas malhas do *crochet* o nome do novo Ermita, que ha de conquistar a terra santa á frente das *amazonas dos rozarios negros*.

Hoje não é hontem meus amigos e por isso a politica da *moda* faz-se com o auxilio das damas por tornar mais doces as polemicas, mais fino o tracto dos homens publicos e mais persuasivas as cathesis da nova religião.

Em quanto ao boato, que se espalhou da minha nomeação para governador civil desse districto, e que o correspondente do *Campeão* attribue á opposição com fim de redicularisar o governo, não posso deixar de lembrar ao scriba, que para ridicularisar o ministerio, não convinha á opposição inventar a nomeação d'um homem de bem e com instrucção provada para um cargo para que elle se acha tão habilitado como a maior parte de todos os cavalheiros que neste paiz tem exercido cargos identicos, quando ella tinha outras nomeações, não em boato mas em realidade, com que melhor poderia ferir o-governo pelo lado ridiculo.

O boato foi espalhado pelos dissidentes para fazerem persuadir o publico que o governo despachava para administrador do districto d'Aveiro um logar tenente do sr. José Estevão. Mas não se assuste o correspondente do *Campeão*, nem tema pelas influencias dos pares e deputados do seu districto, porque nunca houve a menor ideia de nomear Freitas Oliveira para governador civil d'Aveiro, e quando a houvesse da parte do governo, elle não accitaria, nem o sr. José Estevão o aconselharia a isso, porque ambos sabem a terra em que vivem e a justiça que as facções costumam fazer aos homens publicos, para conhecerem que todas as vezes que um individuo pode alcançar a honra da estima e consideração de um genio superior, esse individuo perde, para os inimigos de ambos, a responsabilidade das suas acções, quando esses inimigos são tão miseraveis e tão pequenos como os que o sr. José Estevão tem em Aveiro.

— Foi demittido de commissario de estudos e de director da eschola normal o sr. D. José de Lacerda. O ministro entendeu, e entendeu bem, que não podia estar á frente de um ramo do ensino publico em um paiz liberal, um homens cujas ideias são manifestamente retrogradadas e reaccionarias.

Adeus por hoje.

Vosso

F. O.

COMMERCIO

Mercado de Aveiro, em 4 de Abril de 1862

Trigo.	por alqueire	850
Milho da terra	"	360
Dito do norte	"	340
Feijão branco	"	400
Dito amarello	"	360
Dito encarnado	"	360
Dito larangeiro	"	440
Dito frade amarello	"	300
Dito frade branco	"	320
Cevada	"	240
Batata	"	200
Azeite	almude	4200
Sal	moio de razas	2500
Vinho	almude	1:600

MOVIMENTO

DA BARRA

Aveiro 3 do abril

Entradas

DE LISBOA. — Rasca portugueza «Conceição Estrella», mestre J. da S. Marçal, 10 pessoas de tripolação. Com carriz de ferro á empreza Salamanca.

ANNUNCIOS

PUBLICAÇÕES DIVERSAS.

CAIXA ECONOMICA.

Da parte da direcção deste estabelecimento são convidados os srs. accionistas para se reunirem no domingo, 6 do corrente, pelas 12 horas do dia, no seu escriptorio, a fim de se proceder ao parecer da commissão de contas sobre o relatorio e contas da direcção antecedente.

Aveiro 3 d'abril de 1862,

A. Pinheiro

Secretario.

BACALHAU

Pereira & Filhos vendem com grande abatimento em preços, para mais prompta liquidação.

BIBLIOTHECA SELECTA

Edictor e traductor — Julio Baptista

2.ª PUBLICAÇÃO

TEMPESTADES DA VIDA

POR

D. Torquato Tarrago Matheos

Sahirá em cadernetas de 16 paginas, no formato do *Monge Negro* e sem paginas em branco. Toda a obra formará 2 volumes. Publicar-se-hão 5 cadernetas por meza, com as estampas que lhes corresponderem.

Preço de cada caderneta 20 réis, e o de cada estampa 30 réis.

Transporte por conta do editor.

A *Bibliotheca Selecta* recebe assignaturas, em Elvas, em casa do editor, rua do Cano n.º 10 A., ou no escriptorio do *Transtagano*; em Lamego, em casa do sr. José Cardoso; em Lisboa em casa do sr. Joaquim Manoel da Silva, rua direita da Gloria n.º 3, 1.º andar.

SCENAS DA MINHA TERRA

POR

Julio Cesar Machado

EDITOR — osé Maria Corrêa Seabra

Preço de cada uma destas obras

500 réis

LOGARES ONDE SE ACHA Á VENDA

Em Lisboa, Typographia Universal, rua dos Calafates, 110, e nas lojas do costume. — No Porto, na loja do sr. Pinto da Silva, rua do Almada, 134; em Coimbra, na do sr. J. de Mesquita. em Lamego, na do sr. J. Cardoso; em Leiria, na do sr. J. C. Curado; em Elvas, na do sr. J. A. Lopes; e nas mais terras do reino e ilhas.

RESPONSAVEL: — M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro